



Revista Portuguesa de Pneumología

ISSN: 0873-2159

sppneumologia@mail.telepac.pt

Sociedade Portuguesa de Pneumologia
Portugal

Costa, Filipa; Arrobas, Ana

Sarcoidose extratorácica

Revista Portuguesa de Pneumología, vol. XIV, núm. 1, enero-febrero, 2008, pp. 127-140

Sociedade Portuguesa de Pneumología

Lisboa, Portugal

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=169718449007>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto



CMYK



Artigo de Revisão

Revision Article

Filipa Costa¹
Ana Arrobas²

Sarcoidose extratorácica

Extra-thoracic sarcoidosis

Recebido para publicação/received for publication: 07.02.23
Aceite para publicação/accepted for publication: 07.07.20

Resumo

A sarcoidose é uma doença granulomatosa multissistémica de etiologia desconhecida, caracterizada histologicamente pela presença de granulomas não caseosos nos órgãos envolvidos. Trata-se de uma doença que pode envolver praticamente qualquer órgão, manifestando-se de múltiplas formas e apresentando-se a várias especialidades clínicas. O envolvimento extra-torácico isolado é raro (10%), surgindo mais frequentemente associado ao envolvimento pulmonar ou dos gânglios linfáticos mediastínicos.

A nível extratorácico pode ocorrer, entre outros, envolvimento do fígado (50-80%), baço (40-80%), olho (20-50%), nódulos linfáticos periféricos (30%), pele (25%), sistema nervoso (10%), coração (5%), rim e aparelho músculo-esquelético, nem sempre cur-

Abstract

Sarcoidosis is a multisystemic granulomatous disease of unknown aetiology, characterized by the presence of non-caseating epithelioid cell granulomas on tissue biopsy of affected organs. It may involve any organ, presenting in multiple forms to clinicians of different specialities.

In its extra-thoracic form it may involve the liver (50-80%), spleen (40-80%), eye (20-50%), extra-thoracic lymph nodes (30%), skin (25%), nervous system (10%), heart (5%), kidney, muscle and bone, sometimes without symptoms. The presence of extra-thoracic disease may affect the prognosis and treatment options for sarcoidosis.

The authors present a review of the major extra-thoracic manifestations of sarcoidosis regarding its clin-

¹ Interna do Internato Complementar de Pneumologia

² Assistente Hospitalar Graduada de Pneumologia

Serviço de Pneumologia,
Centro Hospitalar de Coimbra
(Director: Dr. Jorge Pires)
Quinta dos Vales
São Martinho do Bispo
3046-853 Coimbra



CMYK



SARCOIDOSE EXTRATORÁCICA

Filipa Costa, Ana Arrobas

sando com sintomatologia. A presença de envolvimento extratorácico afecta muitas vezes o prognóstico e a atitude terapêutica da sarcoidose.

Os autores fazem uma revisão das principais manifestações extratorácicas da sarcoidose, abordando as suas manifestações clínicas, diagnóstico, tratamento, seguimento e prognóstico.

Rev Port Pneumol 2008; XIV (1): 127-140

Palavras-chave: Sarcoidose, extratorácica.

cal presentation, diagnosis, treatment, follow-up and prognosis.

Rev Port Pneumol 2008; XIV (1): 127-140

Key-words: Sarcoidosis, extra-thoracic.

Introdução

A sarcoidose é uma doença granulomatosa multissistémica de causa desconhecida que surge tipicamente em adultos jovens (20-40 anos), embora possa ocorrer em qualquer idade. Manifesta-se de múltiplas formas, apresentando-se a várias especialidades clínicas. A variabilidade das manifestações clínicas depende da raça, duração, localização e extensão da doença e actividade do processo granulomatoso¹. Pode envolver praticamente qualquer órgão do organismo, sendo no entanto mais frequente o envolvimento do pulmão e dos gânglios linfáticos intratorácicos, associado ou não ao envolvimento extratorácico¹ (Quadro I). Como predomina o envolvimento pulmonar, são os pneumologistas que mais frequentemente seguem estes doentes, devendo haver por parte do médico um conhecimento global das manifestações desta patologia para que possa ser realizada uma avaliação e seguimento o mais completo possível. Nem sempre o envolvimento de um determinado órgão origina sintomatologia. A ní-

Quadro I – Órgãos envolvidos pela sarcoidose (adaptado de 1)

Intratorácico
Nódulos linfáticos mediastínicos (95-98%)
Pulmão (>90%)
Pleura (frequente, mas <10% sintomáticos)
Extratorácico
Fígado (50-80%)
Baço (40-80%)
Olho (20-50%)
Nódulos linfáticos periféricos (30%)
Pele (25%)
Sistema nervoso (10%)
Coração (5%)
Rim
Músculo e osso
Outros

vel de cada órgão, as manifestações clínicas resultam da localização e extensão dos granulomas e do seu efeito de massa, da actividade metabólica das células dos granulomas, de vasculite e da distorção causada pela fibrose. Qualquer que seja o órgão envolvido, o diagnóstico de sarcoidose baseia-se na existência de uma história clínica compatível, em acha-



CMYK



SARCOIDOSE EXTRATORÁCICA

Filipa Costa, Ana Arrobas

dos radiológicos característicos, evidência histológica de granulomas não caseosos e exclusão de outras doenças capazes de produzir um quadro clínico, radiológico ou histológico semelhante². O tratamento deverá ser ponderado com base no órgão envolvido, nas manifestações clínicas e no prognóstico.

Sarcoidose hepática

Cinquenta a oitenta por cento dos doentes com sarcoidose apresentam envolvimento hepático assintomático (presença de granulomas na biópsia), mas o envolvimento clínico ocorre em apenas 10-20%³. Mais frequentemente, ocorre elevação assintomática da fosfatase alcalina, γ-GT e mais raramente das transaminases⁴. A febre, o mal-estar e a fadiga são sintomas comuns. Mais raras são hepatomegalia (20%), insuficiência hepática, hipertensão portal e colestase com icterícia¹. Em casos raros a sarcoidose pode associar-se a colangite esclerosante primária ou a cirrose biliar primária, diagnosticadas pela presença de títulos elevados de anticorpos antimicrossomais e antimitocondriais³.

Dada a frequência do envolvimento hepático assintomático, faz parte da avaliação inicial e da avaliação periódica anual dos doentes com sarcoidose o doseamento da fosfatase alcalina, da γ-GT e das transaminases. A biópsia hepática não está recomendada, dada a sua baixa especificidade. O diagnóstico diferencial de granulomas hepáticos faz-se com diversas patologias, como tuberculose, infecções fúngicas, reacção secundária a fármacos, linfoma, cirrose biliar primária e hepatite granulomatosa idiopática⁴.

A elevação assintomática isolada das provas de função hepática não implica que seja iniciada terapêutica, devendo apenas manter-

-se vigilância⁵. O tratamento só está indicado em casos sintomáticos e consiste na administração de corticosteróides ou imunossupressores³. A terapêutica corticosteróide é também eficaz no controlo da febre, mal-estar e fadiga. Deve ser iniciada com doses altas de prednisolona que se vão reduzindo ao longo de vários meses para uma dose de manutenção de 5-10mg/dia⁶. O uso de metotrexato deverá ser evitado nesta situação, devido à toxicidade hepática³. A presença de insuficiência hepática, hipertensão portal e a colestase com icterícia são indicadoras de uma má resposta à corticoterapia e de um mau prognóstico⁷. O transplante hepático pode ser realizado em situações terminais de insuficiência hepática⁸.

O tratamento deverá ser ponderado com base no órgão envolvido, nas manifestações clínicas e no prognóstico

Sarcoidose esplénica

Apesar de a existência de granulomas a nível esplênico ser frequente (40-80%)⁹, o envolvimento sintomático é raro (<5%), ocorrendo sob a forma de esplenomegalia com citopenias (anemia, leucopenia, trombocitopenia ou pancitopenia) e dor abdominal no hipocôndrio esquerdo. O diagnóstico é clínico e radiológico e o tratamento com corticosteróides só deve ser considerado em casos de hiperesplenismo ou esplenomegalia maciça¹⁰. Em casos excepcionais, poderá ser necessária esplenectomia¹¹.

Sarcoidose ocular

O envolvimento ocular na sarcoidose surge em 20-50% dos doentes, podendo ocorrer em qualquer fase da doença e precedendo muitas vezes o diagnóstico (muitos casos de uveíte idiopática vêm mais tarde a revelar-se manifestações de sarcoidose)¹².



CMYK



SARCOIDOSE EXTRATORÁCICA

Filipa Costa, Ana Arrobas

Qualquer estrutura do olho pode estar envolvida pelo processo granulomatoso, originando diversas manifestações clínicas ou podendo ocorrer na forma assintomática. Em 25-75% dos casos, o envolvimento ocular manifesta-se sob a forma de uma uveíte (anterior/intermédia/posterior), mais frequentemente de aparecimento agudo (80%). A uveíte anterior aguda caracteriza-se por dor ocular aguda, fotofobia, diminuição da acuidade visual e olho vermelho¹³, embora possa ser assintomática em 34% dos casos¹². O exame oftalmológico revela um *flush* perilímbico, precipitados de queratina, leucócitos e manchas proteináceas no humor aquoso com uma pupila ligeiramente miótica. A uveíte anterior crónica ocorre geralmente em indivíduos mais idosos e é mais frustre¹³.

A vitreíte é a principal manifestação do envolvimento do segmento posterior do olho, observando-se com frequência opacidades “em colar de pérolas” ou em “bola de neve”¹³. Pode também ocorrer periflebite da retina, iridociclite e coriorretinite. A lesão retiniana mais frequente caracteriza-se por infiltrados amarelos, tipo cera, ou os infiltrados coroidais localizados à volta das veias da retina denominados *taches de bouge* ou “pingos de vela”¹³.

O envolvimento do nervo óptico é raro, podendo originar em fases mais avançadas atrofia. A papilite, o papiledema secundário ao aumento da pressão intracraniana e a neovascularização podem ocorrer¹³. O envolvimento dos nervos motores oculares (III, IV e VI pares cranianos) é mais frequente e geralmente unilateral.

As alterações da córnea incluem espessamento, queratopatia em banda, espessamento do estroma e queratite intersticial. As

cataratas podem resultar de inflamação crónica ou do uso dos corticosteróides¹⁴. O glaucoma pode desenvolver-se na sequência da uveíte¹⁴.

A inflamação e o aumento das glândulas lacrimais ocorre em 15-28% dos doentes com envolvimento ocular, sendo geralmente assintomática mas podendo cursar com uma queratoconjuntivite *sicca* (“olho seco”)¹³. O envolvimento conjuntival ocorre em 6-40% dos casos, manifestando-se como nódulos macroscópicos ou microscópicos amarelo-pálido na conjuntiva (folículos conjuntivais)¹². O envolvimento granulomatoso da pele das pálpebras surge na forma de pequenos nódulos.

Dada a possibilidade de lesões oculares irreversíveis, a frequência do envolvimento ocular pela sarcoidose e o facto de este envolvimento poder ser assintomático faz parte da avaliação inicial e da avaliação anual de seguimento de todos os doentes com sarcoidose a realização de exame oftalmológico que deverá incluir exame oftalmológico com lâmpada em fenda, medição da pressão intraocular, gonioscopia e oftalmoscopia indireta¹².

Em doentes com diagnóstico de sarcoidose estabelecido, o aparecimento de sintomas oculares ou alterações no exame oftalmológico que sejam compatíveis com esta patologia é suficiente para fazer o diagnóstico de sarcoidose ocular, desde que outras etiologias possíveis sejam excluídas¹². Em doentes que surjam com uma uveíte inexplicada ou com outra alteração sugestiva, o diagnóstico de sarcoidose deve ser considerado, devendo ser realizada uma avaliação global, de forma a detectar o envolvimento de outros órgãos e realizar biópsias nesses locais¹². A biópsia ocular é um procedimento invasivo com al-





CMYK



SARCOIDOSE EXTRATORÁCICA

Filipa Costa, Ana Arrobas

guns riscos, sendo por isso raramente realizada. A biópsia às cegas da conjuntiva tem uma boa rentabilidade (33%), podendo ser aumentada (66%) quando há nódulos visíveis macroscopicamente (folículos conjuntivais). Reveste-se de menos complicações do que a biópsia ocular, o que a torna uma alternativa válida¹².

O tratamento da sarcoidose ocular é obrigatório, devendo preferir-se, se possível, o tratamento tópico com ciclopílicos, anti-inflamatórios não esteróides e corticosteróides¹². Caso não haja melhoria com o tratamento tópico ou em casos de lesões de maior gravidade, deverão ser associados corticosteróides sistémicos (40mg/dia de prednisolona ou equivalente com desmame em 6-12 meses)¹². Em alternativa à corticoterapia, podem ser usados o metotrexato e a ciclosporina em dose semelhante à utilizada no tratamento da sarcoidose pulmonar³. O tratamento deverá ser mantido enquanto persistir a inflamação e nunca deverá ter uma duração inferior a 1 ano¹².

Sarcoidose dos gânglios linfáticos periféricos

Praticamente qualquer cadeia linfática pode estar envolvida pela sarcoidose. Os gânglios linfáticos extratorácicos mais frequentemente envolvidos são os das cadeias cervicais, axilares, supraclaviculares e epitrocleares. As adenopatias são tipicamente móveis, firmes, não dolorosas e não ulceram nem fistulizam⁹. Ocasionalmente (<10%), as adenopatias podem atingir grandes dimensões podendo ser erradamente atribuídas a um linfoma¹⁵. Adenopatias abdominais são detectadas num terço dos doentes por TAC abdominal¹⁶.

Sarcoidose cutânea

O envolvimento cutâneo isolado ocorre em 1/3 dos doentes na altura da apresentação, mas o envolvimento de outros órgãos surge geralmente ao fim de alguns meses ou anos¹⁷.

Apesar de qualquer lesão cutânea poder corresponder a uma manifestação de sarcoidose, o envolvimento da pele surge mais frequentemente sob a forma de eritema nodoso (15-34%), geralmente associado a adenopatias hilares bilaterais e poliartralgias, constituindo a síndrome de Löfgren. O eritema nodoso caracteriza-se pela presença de nódulos vermelhos, duros e dolorosos, que se vão tornando arroxeados à medida que desaparecem e que surgem tipicamente nos membros inferiores¹¹. Apesar de não ser tão frequente, a lesão mais típica da sarcoidose cutânea é o lúpus pérnio (4-9%), caracterizado por lesões vermelho-arroxeadas ou violáceas indolentes que afectam o nariz, região malar, orelhas e testa, encontrando-se frequentemente associado a fibrose pulmonar. As erupções máculo-papulares, placas, pápulas, nódulos subcutâneos e úlceras também podem ocorrer, sobretudo na face, tronco e superfície de extensão dos membros⁹. É muito frequente a formação de cicatrizes quelóides e o prurido. Muitas vezes estas lesões surgem em cicatrizes antigas, em tatuagens e em locais traumatizados¹⁷.

Para fazer o diagnóstico de sarcoidose cutânea, é essencial realizar um exame exaustivo da pele para identificar as lesões. Depois de identificadas, a biópsia permite o diagnóstico. Existem dois tipos de lesões: as específicas que mostram granulomas não caseosos no exame anatomo-patológico, e as não específicas que não apresentam granulomas na avaliação histológica. São exemplo de le-

**Qualquer cadeia
linfática pode estar
envolvida pela
sarcoidose**



CMYK



SARCOIDOSE EXTRATORÁCICA

Filipa Costa, Ana Arrobas

Qualquer estrutura nervosa pode ser atingida, mas predomina o envolvimento das estruturas da base do cérebro

sões específicas as erupções máculo-papulares, as lesões nodulares subcutâneas, a infiltração de cicatrizes antigas, as placas cutâneas e o lúpus pérnio¹⁸. Entre as lesões não específicas, encontram-se o eritema nodoso (causado por uma vasculite por imunocomplexos), o eczema numular, o eritema multiforme, a *calcinosis cutis*¹⁹.

A decisão de tratar as manifestações cutâneas da sarcoidose depende da localização e da natureza das lesões. O tratamento está indicado exclusivamente nos casos de lesões progressivas e desfigurantes e/ou de lesões localizadas em zonas expostas. Nas restantes lesões, que envolvam apenas os membros e tronco ou que não sejam desfigurantes, o tratamento deve ser evitado¹⁷. Para o eritema nodoso é suficiente utilizar anti-inflamatórios não esteróides ou corticosteróides por um curto período de tempo, já que são lesões que resolvem em semanas a meses. Nas lesões crónicas localizadas, deverão ser usados corticosteróides tópicos semanais (apesar de pouco eficazes, há melhoria da eficácia se forem utilizados pensos hidrocolóides oclusivos²⁰) ou corticosteróides intralesionais (triamcinolona mensal na concentração de 5-10mg/mL¹⁶), podendo causar como efeito secundário hipopigmentação e atrofia cutânea. Nas lesões extensas e desfigurantes deve usar-se terapêutica sistémica¹⁶: corticosteróides sistémicos²¹, clorocina²², hidroxiclorocina (200 mg/d)²³, metotrexato²⁴, aziatriprina¹ (em doses semelhantes às utilizadas no tratamento da sarcoidose pulmonar), alopurinol²⁵ e talidomida²⁶. A realização de cirurgia estética nestes doentes deve ser bem ponderada, uma vez que é frequente o desenvolvimento de quelóides e a recidiva da sarcoidose nas cicatrizes.

Neurossarcoidose

Apesar de o envolvimento clínico ocorrer em 5-10% dos doentes, o envolvimento assintomático ou subclínico pode atingir cerca de metade²⁷.

Qualquer estrutura nervosa pode ser atingida, mas predomina o envolvimento das estruturas da base do cérebro¹: hipotálamo, hipófise e pares craneianos (por ordem decrescente de frequência: nervo facial, óptico, vestibulococlear, glossofaríngeo, vago, oculomotor, trigémino, hipoglosso, abducens, acessório e troclear)²⁸. Pode ainda afectar as meninges, parênquima cerebral, tronco cerebral, camada subependimal dos ventrículos cerebrais, plexos coroídes, nervos periféricos e vasos sanguíneos que nutrem as estruturas nervosas²⁷. O envolvimento destas estruturas pode originar uma grande variedade de manifestações clínicas: paresia facial uni ou bilateral (paralisia de Bell, mais frequente), envolvimento do nervo óptico (diminuição da acuidade visual, papiledema), diabetes insípida central, alterações tireoideias (hipotiroidismo por alterações hipotalâmicas), alterações adrenais ou gonadais (síndrome galactorreia-amenorreia), alterações do sono, apetite, sede, temperatura e libido, problemas cognitivos e comportamentais, demência, sintomas psiquiátricos, encefalopatia, convulsões, hidrocefalia, cefaleias, ataxia, mielopatia, neuropatia periférica e meningite aguda ou crónica asséptica. Cerca de 1/3 dos doentes com neurossarcoidose apresentam múltiplas lesões neurológicas associadas²⁷.

A suspeita de neurossarcoidose deve ser levantada em doentes com sarcoidose activa ou inactiva que surjam com sintomas neurológicos, já que a existência de neurossarcoidose isolada é muito rara. Para auxiliar



CMYK



SARCOIDOSE EXTRATORÁCICA

Filipa Costa, Ana Arrobas

o diagnóstico podem ser realizadas RMN com gadolíneo (as alterações surgem como imagens hiperdensas em T1), análise do LCR (revele pleiocitose, proteínas elevadas, glicose diminuída e enzima de conversão da angiotensina aumentada)²⁸, electroencefalografia, angiografia, potenciais evocados, estudos da condução nervosa, electromiografia e biópsia de nervos periféricos, de acordo com os sintomas apresentados. A biópsia cerebral, meníngea ou da medula só se justifica se a suspeita clínica for muito forte e não houver outros locais envolvidos por sarcoidose ou se o agravamento clínico for muito rápido²⁷. No Quadro II apresentam-se os critérios de diagnóstico para neurossarcoidose.

Não existem linhas de orientação no que diz respeito ao tratamento da neurossarcoidose²⁷. No entanto, parece ser consensual que, à excepção da paralisia de Bell, na maioria dos casos resolve sem necessidade de corticoterapia²⁹, o tratamento é mandatório e deve ser iniciado o mais precocemente possível. As opções terapêuticas consistem nos corticosteróides e nos imunossupressores, devendo usar-se doses tão ou mais elevadas

do que as usadas para o tratamento da sarcoidose pulmonar. O tratamento com corticosteróides deverá ser feito na maioria das situações com doses de 1mg/kg/dia de prednisolona ou equivalente. Nos casos de paralisia do facial, miopia ou neuropatia deverão utilizar-se doses de 0,5 mg/kg/d de prednisolona ou equivalente durante 4 semanas. Para lesões parenquimatosas ou meníngeas, estão indicadas doses de 1-1,5 mg/kg/d de prednisolona, devendo ser preferido o tratamento endovenoso no caso de sintomas rapidamente progressivos²⁷. Em alternativa ou em associação com os corticosteróides poderá usar-se a azatioprina, metotrexato, clorambucil, ciclofosfamida, clorocina, hidroxiclorocina, pentoxifilina, ou talidomida³⁰. O tratamento deverá ser mantido durante toda a vida com doses de manutenção de prednisolona de 10mg/dia³⁰. Em casos selecionados poderão realizar-se outros tratamentos: cirurgia, drenagem ventricular, radioterapia, tratamento hormonal.

O envolvimento dos pares cranianos, da hipófise e do hipotálamo está geralmente associado a uma melhor resposta ao tratamento e a um melhor prognóstico¹.

Não existem linhas de orientação no que diz respeito ao tratamento da neurossarcoidose

Quadro II – Critérios de diagnóstico de neurossarcoidose (adaptado de 27)

Critérios de diagnóstico para a neurossarcoidose²⁷:	
a) Doentes com sintomas neurológicos e sarcoidose sistémica activa diagnosticada:	Assumem-se as alterações neurológicas como manifestações de neurossarcoidose e deve ser iniciado tratamento. Caso não haja resposta ao tratamento, o diagnóstico deve ser revisto e tentada a confirmação histológica através da biópsia do SNC.
b) Doentes com sintomas neurológicos e uma história de sarcoidose sem evidência actual de actividade:	Deve considerar-se a neurossarcoidose como um diagnóstico provável, mas nestes casos é essencial a confirmação histológica (biópsia do SNC) antes de iniciar o tratamento.
c) Doentes com sintomas neurológicos sem antecedentes de sarcoidose:	Deve ser realizada história clínica e exame físico completos e pesquisado o envolvimento de outros órgãos. Caso se suspeite de envolvimento de outros órgãos deve ser realizada biópsia nesses locais. Na eventualidade de não haver envolvimento de outros órgãos, então deverá ser realizada biópsia do SNC.



CMYK



SARCOIDOSE EXTRATORÁCICA

Filipa Costa, Ana Arrobas

Qualquer estrutura cardíaca pode ser afectada, sendo mais frequente o envolvimento do sistema de condução

Sarcoidose cardíaca

O envolvimento cardíaco (5% dos doentes) pode ocorrer em qualquer altura da história natural da doença, podendo existir na ausência de outro envolvimento intratorácico³¹. É geralmente subclínico, devendo ser suspeitado em doentes jovens com arritmias ou disfunção cardíaca. É mais frequente nos japoneses do que nos caucasianos ou afro-americanos³² e é responsável por cerca de 15% das mortes atribuídas à sarcoidose³³.

As manifestações clínicas dependem da localização e da extensão do envolvimento cardíaco e variam do assintomático, à síncope, morte súbita ou insuficiência cardíaca. Qualquer estrutura cardíaca pode ser afectada, sendo mais frequente o envolvimento do sistema de condução que origina ectopia ventricular (47%), taquicardia ventricular (21%), bloqueio auriculoventricular (48%) e arritmias supraventriculares (25%)³⁴. O bloqueio auriculoventricular e a taquicardia ventricular no seu conjunto são responsáveis por 48% das mortes por sarcoidose cardíaca³⁴. Pode surgir também insuficiência cardíaca por disfunção diastólica devida a infiltração maciça por granulomas ou fibrose do miocárdio, disfunção valvular (mais frequente a insuficiência ou prolapsos mitral por infiltração granulomatosa dos músculos papilares), hipertrofia localizada, movimentos anormais da parede difusos ou localizados, aneurismas ventriculares, miocardiopatia restritiva, pericardite e derrame pericárdico³².

Dado o risco de morte súbita por arritmia, o diagnóstico deverá ser iniciado pela realização de um ECG que é obrigatório na avaliação inicial e na avaliação anual dos doentes com sarcoidose. Caso surjam alterações electrocardiográficas, está indicada a realização de Hol-

ter e/ou ecocardiografia e, eventualmente, de um cintígrama ²⁰¹Ta¹. O cintígrama com tálio sugere fortemente o diagnóstico se for evidente o fenómeno de redistribuição reversa: defeitos focais no miocárdio em repouso que desaparecem com o exercício ou com a administração de dipiridamol³⁵. Em situações específicas e de acordo com os sinais e sintomas apresentados, poderá eventualmente ser necessário realizar estudos electrofisiológicos, RMN ou angiografia coronária. A biópsia endomiocárdica percutânea é o *gold standard* para o diagnóstico de sarcoidose cardíaca, ainda que a rentabilidade seja baixa (25-50%)³⁴ e esteja associada a complicações graves. Por limitações técnicas, as amostras são colhidas da porção apical do septo e da parede livre direita, embora a sarcoidose atinja preferencialmente o septo basal e a parede livre esquerda³¹. No Quadro III apresentam-se os critérios de diagnóstico para a sarcoidose cardíaca.

O tratamento é obrigatório e consiste em diminuição do processo inflamatório granulomatoso, bem como no controle das arritmias e insuficiência cardíaca³⁶. A terapêutica anti-inflamatória tem por base a administração de corticosteróides. Existe ainda controvérsia quanto à dose inicial e duração da terapêutica, mas não existe dúvida quanto à sua eficácia³¹. O tratamento deverá ser iniciado com doses de 1 mg/kg/d de prednisolona, reduzidas em 6 meses para 10-15 mg/d. Em alternativa ou em associação à corticoterapia poderá utilizar-se a clorocina, hidroxiclorocina, metotrexato ou a azatioprina (em dose semelhante à utilizada no tratamento da sarcoidose pulmonar). O tratamento deve ser mantido durante pelo menos 2 anos e alguns autores sugerem mesmo durante toda a vida, dependendo da resposta³¹. Existem ainda outros tratamentos que podem ser utiliza-



CMYK



SARCOIDOSE EXTRATORÁCICA

Filipa Costa, Ana Arrobas

Quadro III – Critérios de diagnóstico para sarcoidose cardíaca (adaptado de 54)

Critérios de diagnóstico para sarcoidose cardíaca:

- Demonstração histológica de granulomas epitelioides sem necrose caseosa em fragmentos de biópsia endomiocárdica ou cirúrgica.

Ou

- Em doentes com sarcoidose extracardíaca demonstração de a) ou ≥1 dos itens de b-e):
 - a) Bloqueio completo de ramo direito, desvio esquerdo do eixo, bloqueio AV, taquicardia ventricular, batimentos ventriculares prematuros ou anomalias do segmento ST-T ou das ondas Q no ECG
 - b) Mobilidade anormal da parede cardíaca, adelgaçamento regional da parede ou dilatação do VE na ecocardiografia
 - c) Defeito de perfusão detectado no cintígrama miocárdico com ^{201}TI ou acumulação anormal de citrato ^{67}Ga ou $^{99m}\text{Tc-PYP}$ no cintígrama miocárdico
 - d) Pressão intracardíaca anormal, baixo débito cardíaco, mobilidade anormal da parede ou diminuição da fracção de ejeção do VE no cateterismo
 - e) Fibrose intersticial ou infiltração celular de grau moderado na biópsia do miocárdio se os achados não forem específicos

dos, nomeadamente anti-arrítmicos (preferencialmente a amiodarona), inotrópicos, *pacemaker*, cardioversores-desfibrilhadores implantáveis e cirurgia³¹.

O transplante cardíaco está indicado em doentes com insuficiência cardíaca severa resistente à terapêutica médica. Existe recorrência da sarcoidose cardíaca no coração transplantado mas que geralmente responde à terapêutica intensiva com corticosteróides³¹. Mesmo que haja melhoria com a terapêutica administrada, o doente deverá ser mantido em vigilância apertada durante toda a vida, dado o risco de reactivação da doença³⁶.

Sarcoidose renal e alterações do metabolismo do cálcio

O envolvimento renal clínico é raro, apesar de 20% dos doentes com sarcoidose apresentarem granulomas na biópsia. Mais frequentes são as alterações no metabolismo do cálcio: 50% dos doentes têm hipercalciúria e 10% hipercalcemia assintomáticas³⁷.

Estas alterações são consequência das modificações do metabolismo da vitamina D causada pela formação de granulomas: a vitamina D produzida em excesso pelos macrófagos activados nos granulomas condiciona um aumento da absorção do cálcio a nível intestinal, conduzindo à hipercalcemia e à hipercalciúria³⁸.

O envolvimento renal da sarcoidose pode originar nefrite intersticial granulomatosa, glomeruloneferite membranosa e proliferativa com formação de crescentes, nefropatia por IgA (doença de Berger), glomerulosclerose focal, tubulopatia, diabetes insípida nefrogénica, insuficiência renal ou vasculite das artérias renais que pode conduzir a hipertensão arterial⁹. Como consequência da hipercalcemia e da hipercalciúria, pode surgir envolvimento do aparelho urinário com nefrocálcinose e urolitíase (14%), com ou sem uropatia obstrutiva³⁷.

Para avaliação do envolvimento renal que poderá causar disfunção grave, deverá ser realizado em todos os doentes com sarcoi-

O transplante cardíaco está indicado em doentes com insuficiência cardíaca severa resistente à terapêutica médica



CMYK



SARCOIDOSE EXTRATORÁCICA

Filipa Costa, Ana Arrobas

dose o doseamento da calcemia, da calciúria das 24 horas, da ureia e da creatinina na altura do diagnóstico e anualmente. Em casos seleccionados, poder-se-á realizar ecografia renal e, eventualmente, biópsia renal³⁷.

O tratamento da sarcoidose com alterações do metabolismo do cálcio ou com envolvimento renal, mesmo que assintomático, é obrigatório. Deverão ser adoptadas medidas higieno-dietéticas para diminuir a hipercalcemia e a hipercalciúria: diminuição do consumo de alimentos ricos em cálcio (queijo, leite, iogurtes, etc.), não ingerir suplementos de vitamina D, evitar a exposição solar e ingerir grande quantidade de fluidos para facilitar a excreção do cálcio³⁸. Nas formas mais ligeiras, estas medidas são suficientes¹¹. Nas formas mais graves deverá ser iniciada terapêutica com corticosteróides na dose de 20-40mg/dia de prednisolina ou equivalente¹¹. O nível de cálcio geralmente reduz-se dentro de 2 semanas e a dose de corticosteróides, pode ser gradualmente diminuída assim que os níveis normalizem³⁹. Como alternativa ao tratamento com corticosteróides podem ser usadas a clorocina⁴⁰, hidroxiclorocina³⁹, cetoconazol⁴¹ e quelantes do cálcio. Não deve ser administrado cálcio ou vitamina D devido às alterações já referidas no metabolismo do cálcio. Em situações específicas existem outras alternativas terapêuticas: descompressão urológica, hemodiálise e, eventualmente, transplante renal.

O envolvimento ósseo ocorre com maior frequência nas mãos e nos pés sob a forma de lesões ósseas quísticas

envolvimento destas estruturas é geralmente subclínico ou não reconhecido clinicamente, dada a inespecificidade dos sintomas⁴².

São frequentes a dor articular (25-39%), a periartrite e a artrite⁴³. A artrite aguda afecta principalmente as articulações tibiotársicas e os joelhos, podendo atingir também os cotovelos e pulsos⁴⁴. É geralmente migratória, intermitente e aditiva, associando-se à síndrome de Löfgren e resolvendo na maioria dos casos ao fim de 6 meses⁴⁴. A artrite crónica é rara (0,2%), quase exclusiva da raça negra, podendo ser poliarticular, oligoarticular ou monoarticular. É geralmente simétrica, não destrutiva e afecta mais frequentemente as pequenas articulações das mãos e dos pés, principalmente nas falanges proximais (dactilite sarcóide), estando muitas vezes associada a envolvimento cutâneo e a distrofia ungueal. Pode também envolver pulsos, joelhos e articulações tibiotársicas⁴⁴ e, ocasionalmente, pode ser destrutiva. Surge muitas vezes associada a envolvimento sinovial e a tenossinovite⁴². O envolvimento ósseo ocorre com maior frequência nas mãos e nos pés sob a forma de lesões ósseas quísticas, associadas a reabsorção cálcica do periosteio. É geralmente assintomático, mas pode causar dor e edema dos locais afectados¹¹. Pode também envolver, embora mais raramente, crânio, vértebras, pélvis, costelas, ossos próprios do nariz, tibia e fémur⁴⁴. Encontra-se muitas vezes associado à sarcoidose cutânea crónica ou a envolvimento multivisceral⁴⁴, apresentando um mau prognóstico, com taxas de remissão de 13% aos 2 anos⁴⁵.

O envolvimento muscular na sarcoidose é frequente (50-80% dos doentes na biópsia), mas geralmente assintomático, e in-



CMYK



SARCOIDOSE EXTRATORÁCICA

Filipa Costa, Ana Arrobas

clui nódulos palpáveis dolorosos, miosite aguda granulomatosa ou miopatia crónica (miosite sarcóide), originando mialgias, fraqueza muscular proximal e atrofia muscular⁴².

Na suspeita de envolvimento músculo-esquelético deverá ser realizado Rx de mãos e de outras articulações afectadas, electromiografia e/ou biópsia muscular. Na artrite crónica, a análise do líquido sinovial revela características inflamatórias com predomínio de mononucleares ou polimorfonucleares e a biópsia sinovial mostra granulomas sem necrose caseosa⁴⁴. Para o envolvimento ósseo, o cintigrama com ²⁰¹Tl é superior ao Rx na avaliação das lesões⁴⁴.

A base do tratamento dos sintomas articulares da sarcoidose são os anti-inflamatórios não esteróides e a colchicina⁴⁴. Nas artrites muito sintomáticas não responsivas aos anti-inflamatórios não esteróides, poderão ser usados corticosteróides tópicos intra-articulares ou corticosteróides sistémicos. Na artrite crónica, como alternativa aos corticosteróides poderão ser usadas hidroxiclorocina, metotrexato em baixa dose (10mg/semana)⁴⁶ ou azatioprina (em dose semelhante à utilizada no tratamento da sarcoidose pulmonar)⁴². Outros tratamentos incluem calcitonina, bifosfonatos e si-novectomia.

O envolvimento muscular e ósseo necessita de tratamento com corticosteróides, embora a resposta seja má. Como alternativa, o metotrexato tem mostrado bons resultados⁴⁶. Para o envolvimento ósseo, pode obter-se alívio sintomático com anti-inflamatórios não esteróides, colchicina e clorocina⁴². Para os doentes com fraqueza muscular, estão indicados programas de fisioterapia⁴².

Outras manifestações

Dado que a sarcoidose pode atingir praticamente qualquer órgão, muitas outras manifestações clínicas podem surgir. O tratamento geralmente não é necessário, excepto se a doença estiver em estádio muito avançado ou demonstrar progressão. Nestes casos está indicado iniciar corticoterapia oral¹¹.

Envolvimento da parótida (6%) e outras glândulas salivares: O aumento da parótida associado a uveíte, febre e paralisia do nervo facial denomina-se síndrome de Heerfordt. O envolvimento das glândulas salivares pode causar “boca seca” que se pode tornar um sintoma crónico mesmo após resolução da sarcoidose⁴⁷. O diagnóstico pode ser feito pelo cintigrama com gálio que revela um padrão em panda (captação aumentada nas glândulas lacrimais e salivares)¹¹.

Envolvimento hematológico: As alterações hematológicas na sarcoidose são frequentes mas raramente sintomáticas⁴⁸. Podem surgir anemia secundária a envolvimento da medula óssea⁴⁹, hiperesplenismo ou anemia hemolítica (5-28%)⁴⁸, leucopenia (40%) com linfopenia (por redistribuição dos linfócitos T para os órgãos envolvidos)¹ ou eosinofilia⁴⁸ e trombocitopenia⁴⁸.

Envolvimento do tracto respiratório superior: A sarcoidose pode envolver qualquer parte do tracto respiratório superior. Pode estar presente em 18% dos doentes com sarcoidose, mas tem tradução clínica apenas em 6%. Pode ocorrer envolvimento da epiglote, pregas ariteno-epiglóticas, aritnóides, laringe, cordas vocais e região subglótica, manifestando-se frequentemente como rouquidão ou estridor⁵⁰. Caracteriza-se pela existência de úlceras e nódulos na laringoscopia⁹.

A base do tratamento dos sintomas articulares da sarcoidose são os anti-inflamatórios não esteróides e a colchicina



CMYK



SARCOIDOSE EXTRATORÁCICA

Filipa Costa, Ana Arrobas

O envolvimento nasal pode ir da simples hipertrófia da mucosa, sinusite crónica ou epistaxis recorrentes à ulceração, perfuração do septo, destruição da cartilagem nasal, deformidade do nariz (“nariz em sela”) e invasão intracraniana⁵¹. Manifesta-se como obstrução nasal e rinite seca. Na rinoscopia observam-se micronódulos amarelados no septo e corneto inferior⁹. A sinusite crónica e a congestão nasal tipicamente respondem mal aos descongestionantes nasais³.

Envolvimento auditivo: Em situações raras, pode ocorrer envolvimento do VIII par craniano que se manifesta por diminuição da acuidade auditiva e vertigens⁵².

Envolvimento gastrintestinal: Apesar de raro (1% dos casos), pode ocorrer envolvimento de qualquer parte do trato gastrintestinal⁵³. As manifestações podem incluir: envolvimento pancreático sob a forma de pancreatite ou massa pancreática, envolvimento esofágico com disfagia, envolvimento gástrico com dispesia e dor epigástrica, envolvimento do intestino delgado e do cólon com dor abdominal, apendicite³. Nestes casos, o diagnóstico deverá ser feito por biópsia das zonas afectadas por técnicas endoscópicas¹¹.

Envolvimento da tireoide: Geralmente não se acompanha de alterações da função tireoidea, embora ocasionalmente possa cursar com hipo ou hipertiroidismo⁵³.

Envolvimento do sistema reprodutor: No sexo masculino, o envolvimento do sistema reprodutor ocorre em <0,2% dos doentes e inclui massas testiculares, epidídimos-orquite aguda com aumento do volume testicular, azoospermia e impotência causada por sarcoidose do SNC ou neuropatia periférica³. No sexo feminino, o atingimento do sistema reprodutor também é raro. O envolvimento dos ovários e do útero pode causar disme-

norreia ou massas pélvicas, o envolvimento do endométrio pode causar metrorragias³.

Vasculite de pequenos, médios e grandes vasos

Existem outras manifestações que não podem ser atribuídas ao envolvimento específico de nenhum órgão, como é o caso dos sintomas constitucionais que surgem em 1/3 dos doentes: febre, sudorese nocturna, arrepios, fadiga, astenia, perda ponderal (2-6kg nas 10-12 semanas anteriores), mal-estar²¹.

Conclusões

Uma vez que a sarcoidose pode afectar praticamente qualquer órgão, qualquer sinal ou sintoma que surja num doente com sarcoidose terá de ser correctamente avaliado, de forma a excluir envolvimento do órgão em causa. O conhecimento das principais manifestações extratorácicas da sarcoidose, do seu diagnóstico e do seu tratamento, permitem ao médico uma melhor vigilância dos doentes com esta patologia multiorgânica, de forma a identificar precocemente alterações subtils, minimizando assim a sua repercussão sobre órgãos vitais.

A decisão de tratar deve basear-se na avaliação do órgão envolvido e na extensão e gravidade da doença. Tál como na sarcoidose pulmonar, o envolvimento extratorácico nem sempre necessita de tratamento. Quando se impõe uma atitude terapêutica, os corticosteróides são os fármacos de eleição, embora existam outras alternativas válidas. Muitas vezes o tratamento tópico é suficiente para suprimir o processo inflamatório.

O prognóstico deverá ser avaliado com base no órgão envolvido, na extensão do envolvimento e na resposta ao tratamento.





CMYK



SARCOIDOSE EXTRATORÁCICA

Filipa Costa, Ana Arrobas

Bibliografia

1. Costabel U. Sarcoidosis: clinical update. Eur Respir J 2001; 18(Suppl 32):56s-68s.
2. Costabel U, Hunninghake GW. ATS/ERS/WASOG statement on sarcoidosis. Eur Respir J 1999; 14:735-7.
3. Moller RD. Rare manifestations of sarcoidosis. Eur Respir Mon 2005; 32:233-50.
4. James DG, Sherlock S. Sarcoidosis of the liver. Sarcoidosis 1994; 11:2-6.
5. Vatti R, Sharma OP. Course of asymptomatic liver involvement in sarcoidosis: role of therapy in selected cases. Sarcoidosis Vasc Diffuse Lung Dis 1997; 14:73-6.
6. Israel HL, Goldstein LA. Hepatic granulomatosis and sarcoidosis. Ann Intern Med 1973; 79:669-78.
7. Martín Santos JM. Sarcoidosis. Medicine 2001; 8(33):1715-22.
8. Padilla ML, Schilero GJ, Teirstein AS. Sarcoidosis and transplantation. Sarcoidosis Vasc Diffuse Lung Dis 1997; 14:16-22.
9. Segorbe Luis A. Sarcoidose. In Marques Gomes MJ, Sotto-Mayor R (Eds.). Tratado de Pneumologia da Sociedade Portuguesa de Pneumologia. Lisboa: Permanyer, 2003: 1327-38.
10. Katarina YP, Whitcomb ME. Splenomegaly in sarcoidosis. Arch Intern Med 1980; 140:35-7.
11. Eklund A, Grunewald J. Sarcoidosis. In Gibson GJ, Geddes DM, Costabel U, Sterk PJ, Corrin B (Eds.). Respiratory Medicine, 3rd Edition. London: Saunders, 2003: 1603-20.
12. Ohara K, Judson MA, Baughman RP. Clinical aspects of ocular sarcoidosis. Eur Respir Mon 2005; 32:188-209.
13. Mayers M. Ocular sarcoidosis. Int Ophtalmol Clin 1990; 30:257-63.
14. Jabs DA, Johns CJ. Ocular involvement in chronic sarcoidosis. Am J Ophtalmol 1986; 102:297-300.
15. Judson MA, Baughman RP. Sarcoidosis. In: Baughman RP, du Bois RM (Eds.). Diffuse Lung Disease A practical approach. London: Arnold; 2004:109-29.
16. Warshauer DM, Dumbleton SA, Molina PL, et al. Abdominal CT findings in sarcoidosis: radiological and clinical correlation. Radiology 1994; 192:93-8.
17. Eklund A, Rizzato G. Skin manifestations in sarcoidosis. Eur Respir Mon 2005; 32:150-63.
18. Mana J, Marcoval J, Graells J, et al. Cutaneous involvement in sarcoidosis. Arch Dermatol 1997; 133:882-8.
19. Russo G, Millikan LE. Cutaneous sarcoidosis: diagnosis and treatment. Comp Ther 1994; 20:418-21.
20. Volden G. Successful treatment of chronic skin diseases with clobetasol propionate and a hydrocolloid occlusive dressing. Acta Derm Venereol 1992; 72:69-71.
21. Newman LS, Rose CS, Maier LA. Sarcoidosis. N Engl J Med 1997; 336:1224-34.
22. Zic JA, Horowitz DH, Arzubiaga C, et al. Treatment of cutaneous sarcoidosis with chloroquine. Arch Dermatol 1991; 127:1034-40.
23. Jones E, Callen JF. Hydroxychloroquine is effective therapy for control of cutaneous sacoidal granulomas. J Acad Dermatol 1990; 23:487-9.
24. Webster GF, Razki LK, Sanchez M, et al. Weekly low-dose methotrexate therapy for cutaneous sarcoidosis. J Am Acad Dermatol 1991; 24:451-4.
25. Pollock JL. Sarcoidosis responding to allopurinol. Arch Dermatol 1980; 116:273-4.
26. Carlesimo M, Guistini S, Rossi A, et al. Treatment of cutaneous and pulmonary sarcoidosis with thalidomide. J Am Acad Dermatol 1995; 32:866-9.
27. Hoitsma E, Sharma OP. Neurosarcoidosis. Eur Respir Mon 2005; 32:164-87.
28. Sharma OP. Cardiac and neurologic dysfunction in sarcoidosis. Clin Chest Med 1997; 18:813-25.
29. Stern BJ, Krumholz A, Johns C, et al. Sarcoidosis and its neurological manifestations. Arch Neurol 1985; 42:909-17.
30. Agbogu BN, Stern BJ, Sewell C, et al. Therapeutic considerations in patients with refractory neurosarcoidosis. Arch Neurol 1995; 52:875-9.
31. Schulte W, Kirsten D, Drent M, Costabel U. Cardiac involvement in sarcoidosis. Eur Respir Mon 2005; 32:130-49.
32. Sekiguchi M, Yazaki Y, Isobe M, et al. Cardiac sarcoidosis: diagnostic, prognostic and therapeutic considerations. Cardiovasc Drugs Ther 1996; 10:495-510.
33. Baughman RP, Lower EE. Steroid sparing alternative treatments for sarcoidosis. Clin Chest Med 1997; 18:853-64.
34. Shammas RL, Movahed A. Sarcoidosis of the heart. Clin Cardiol 1993; 16:462-72.
35. Chin BB, Civelek AC, Mudun A. Resting T-201 scintigraphy in the evaluation of myocardial sarcoidosis. Clin Nucl Med 1997; 22:475-8.
36. Winterbauer RH, Kirtland SH, Corley DE. Treatment with corticosteroids. Clin Chest Med 1997; 18:843-851.



CMYK



SARCOIDOSE EXTRATORÁCICA

Filipa Costa, Ana Arrobas

37. Sharma OP. Renal sarcoidosis and hypercalcaemia. Eur Respir Mon 2005; 32:220-32.
38. Sharma OP. Vitamin D, calcium and sarcoidosis. Chest, 1996; 109:535-9.
39. Costabel U, Teschler H. Biochemical changes in sarcoidosis. Clin Chest Med 1997; 18:827-42.
40. Adams JS, Diz MM, Sharma OP. Effective reduction in the serum 1,25-hydroxyvitamin D and calcium concentration in sarcoidosis associated hypercalcaemia with short-course chloroquine therapy. Ann Intern Med 1989; 111:437-8.
41. Bia MJ, Insogna K. Treatment of sarcoidosis associated hypercalcaemia with ketoconazole. Am J Kidney Dis 1991; 18:702-5.
42. Jansen TLTA, Geusens PPMM. Sarcoidosis: joint, muscle and bone involvement. Eur Respir Mon 2005; 32:210-19.
43. Petterson T. Rheumatic features of sarcoidosis. Curr Opin Rheumatol 1998; 10:73-8.
44. Gran TJ, Bohmer E. Acute sarcoid arthritis: a favourable outcome? Scan J Rheumatol 1996; 25:70-3.
45. Neville E, Walker AN, James DG. Prognostic factors, predicting the outcome of sarcoidosis: an analysis of 818 patients. Q J Med 1983; 208:525-33.
46. Kaye O, Palazzo E, Grossin M, et al. Low-dose methotrexate: an effective corticosteroid-sparing agent in musculoskeletal manifestations of sarcoidosis. Br J Rheumatol 1995; 34:642-4.
47. Judson MA, Baughman RP, Terstein AS, et al. Defining organ involvement in sarcoidosis: the ACCESS proposed instrument. Sarcoidosis Vasc Diffuse Lung Dis 1999; 16:75-86.
48. Kennedy D, Yamakido M. Haematologic manifestations of sarcoidosis. Semin Respir Med 1992; 13:455-8.
49. Browne PM, Sharma OP, Salkin D. Bone marrow sarcoidosis. JAMA 1978; 240:2654-5.
50. Bower JS, Belen JE, Weg JG, et al. Manifestations and treatment of laryngeal sarcoidosis. Am Rev Respir Dis 1980; 122:325-32.
51. Krespi YP, Kuriloff DB, Aner M. Sarcoidosis of the sinonasal tract: a new staging system. Otolaryngol Head Neck Surg 1995; 112:221-7.
52. Shah UK, White JA, Gooey JE, et al. Otolaryngologic manifestations of sarcoidosis: presentation and diagnosis. Laryngoscope 1997; 107:67-75.
53. Scheffield EA. Pathology of sarcoidosis. Clin Chest Med 1997; 18:741-54.

